

UM MÊS DEPOIS DA TOMADA DE POSSE

## Ainda não há diálogo político com vista ao restabelecimento da paz em Moçambique

- Moçambique vive desde 19 de Outubro de 2024 uma crise pós-eleitoral sem precedentes. A crise, que é política, teve um impacto nos direitos humanos devido à violência policial contra a população que se fez às ruas protestando contra a fraude eleitoral e exigindo melhores condições de vida. Mais de 300 pessoas foram mortas pelas forças de segurança. Milhares foram detidos e outros milhares foram feridas.



O diálogo, que sempre foi uma marca na resolução de conflitos em Moçambique, ainda não está a acontecer, facto que pode contribuir para o alastramento da crise. Para o Centro para Democracia e Direitos Humanos (CDD) só um diálogo genuíno e inclusivo pode tirar o país da actual crise. O diálogo deve, para além dos partidos políticos, envolver Venâncio Mondlane enquanto líder dos protestos que levaram à crise, a sociedade civil, a academia e os líderes religiosos.

### O início da crise

Depois do escrutínio de 9 de Outubro de 2024, Moçambique registou uma crise pós-eleitoral devido a denúncias de fraude nas eleições que deram vitória à Frelimo e Daniel Chapo. Essa crise se agravou a partir de 19 de Outubro com a morte de Elvino Dias e de Paulo Guambe, dois dos rostos da contestação. Devido a esse duplo homicídio, o candidato presidencial Venâncio Mondlane convocou manifestações à escala nacional, que desde o início foram respondidas com violência por parte das forças de segurança, o que levou a várias mortes. De 19 de Outubro de 2024 a 15 de Janeiro de 2025, o CDD recebeu notificações de 600 mortes, das quais 348 foram confirmadas.

Destes casos, 215 foram confirmados por meio da apresentação de certidões de óbito, evidências de funerais e visitas às famílias – especialmente em Maputo, onde o processo de verificação foi concluído em 90%. Milhares de pessoas foram detidas arbitrariamente pela polícia. Há milhares de feridos entre

graves e ligeiros. Por conta das manifestações houve destruição de infraestruturas públicas e privadas, com impactos económicos e sociais.

### Tentativa de diálogo

Antes da validação e proclamação dos resultados eleitorais pelo Conselho Constitucional (CC), o então presidente da República, Filipe Nyusi, ensaiou um diálogo com os candidatos presidenciais, nomeadamente Lutero Simango, do Movimento Democrático de Moçambique (MDM); Daniel Chapo, da Frelimo; Ossufo Momade, da Renamo e Venâncio Mondlane, suportado pelo partido Povo Optimista para o Desenvolvimento de Moçambique (PODEMOS).

O diálogo não vingou essencialmente devido à ausência de Venâncio Mondlane que se encontrava fora do país, em fuga, depois de ter denunciado ameaças de morte, mas também devido a processos judiciais que o Estado movia contra aquele candidato presidencial, no contexto das manifestações.

### Diálogo com os partidos políticos

Depois da proclamação dos resultados pelo CC, Filipe Nyusi decidiu iniciar um diálogo com os partidos políticos, tendo chamado para a mesa Lutero Simango, Ossufo Momade, Daniel Chapo (na altura Secretário-geral da Frelimo), Albino Forquilha (presidente do PODEMOS) e Salomão Muchanga, da Nova Democracia. Este formato continua, mas não tem surtido o efeito desejado.

### Um diálogo não inclusivo

Dias antes da proclamação dos resultados, Venâncio Mondlane voltou ao país mas não foi integrado no diálogo, apesar de ter mostrado disponibilidade. Em 15 de Janeiro tomou posse Daniel Chapo como PR. Depois de investido, Chapo passou a liderar o diálogo no mesmo formato iniciado por Nyusi. Venâncio Mondlane não é o único excluído do diálogo. Outras forças vivas da sociedade como a academia, a sociedade civil e os líderes religiosos também não fazem parte do diálogo.

Chapo, que no dia da tomada de posse prometeu promover o diálogo para a paz, tem estado a dizer que neste momento está a dialogar com os partidos políticos para depois alargar o debate para outras forças vivas da sociedade. Enquanto isso, os protestos continuam, apesar de ser numa dimensão menor em relação aos protestos vividos até 15 de Janeiro.

A continuação dos protestos pode ser sinal de que o modelo de diálogo usado não responde às exigências do povo. Nesse sentido, apesar de reconhecermos as figuras que estão neste momento nas negociações, nos parece que o actual modelo e os seus intervenientes não conseguem trazer a paz. Assim, o CDD apela a um diálogo urgente, genuíno e inclusivo para o alcance da paz. Esse diálogo deve incluir outras forças vivas da sociedade, nomeadamente a sociedade civil, a academia e os líderes religiosos. Também entendemos ser de extrema importância a inclusão de Venâncio Mondlane enquanto líder de todo o movimento contestatário.







*Construindo uma sociedade democrática que promove, protege e respeita os Direitos Humanos.*

*Building a democratic society that promotes, protects, respect human rights & transform people's lives.*

**INFORMAÇÃO EDITORIAL:**

**Propriedade:** CDD – CENTRO PARA DEMOCRACIA E DIREITOS HUMANOS  
**Director:** Prof. Adriano Nuvunga  
**Editor:** André Mulungo  
**Autor:** CDD  
**Layout:** CDD

**Contacto:**  
 Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.  
 Telefone: +258 21 085 797

**Twitter:** CDD\_moz  
**E-mail:** info@cddmoz.org  
**Website:** http://www.cddmoz.org

PARCEIROS DE FINANCIAMENTO

